

A noção de natureza nos escritos políticos do jovem Nietzsche

The notion of nature in the political writings of the young Nietzsche

Felipe Szyszka Karasek¹

Resumo

Nietzsche não publicou uma obra específica a respeito da política. Os textos intitulados *A disputa de Homero* e *O Estado Grego* representam os estudos mais rigorosos do assunto². No entanto, a temática não é abordada centralmente. Nietzsche tangencia o tema e a questão política surge como um reflexo de sua análise de diversos assuntos, por exemplo: estudos acerca da noção de natureza (*physis*), da natureza humana, da relação dessas noções com a cultura e com as disputas de poder. Nas abordagens de Nietzsche, política é um termo que não possui o significado tradicional do pensamento político ocidental, um termo que se vincula principalmente aos estudos a respeito da formação e manutenção do Estado a partir da separação de um *estado de natureza hipotético*. No presente texto, irei apresentar os principais argumentos contidos nos escritos da juventude de Nietzsche que relacionam a noção de natureza com a política, com a intenção de demonstrar que o significado de natureza, assim como o significado de política, se diferencia da noção moderna binária *natureza / cultura*.

Palavras-chave: Nietzsche. Natureza. Cultura. Política.

Abstract

Nietzsche did not publish a work that specifically deals with political issues. The texts entitled "Homer's Contest" and "The Greek State" represent the most thorough studies of the subject. However that issue is not centrally addressed. Nietzsche mentions the subject, and the political question arises as a reflection of his analysis on several matters, such as studies on the notion of nature (*physis*), human nature, the relationship of these notions with culture and the will to power. Nietzsche states that politics is a term that does not have the traditional meaning of Western politics, a term that is committed mostly to studies regarding the creation and maintenance of the state from the separation of a hypothetical state of nature. Herein I will present the main arguments contained in the writings of the young Nietzsche that relate the notion of nature with politics, with the intention to demonstrate that the meaning of nature as well as the meaning of politics differs from the binary modern debate on nature / culture.

Keyword: Nietzsche. Nature. Culture. Politics.

Considerações Iniciais

¹ Doutorando em Filosofia PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: felipe.s.karasek@gmail.com

² Os textos pertencem ao manuscrito intitulado *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, o qual foi enviado como um presente para Cosima Wagner em dezembro de 1872. Para esta pesquisa, estou utilizando a seguinte tradução: NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Tradução e prefácio: Pedro Süsskind. 4ª edição. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

Analisando o texto *A disputa de Homero*, percebemos a necessidade de interpretar diversos enigmas para conseguir uma aproximação adequada do pensamento político de Nietzsche. A interpretação desses enigmas parece incluir os seguintes pressupostos: i) a natureza da “existência” é determinada pela disputa (ágon³); ii) a disputa relacionada à nossa natureza humana fundamental se desdobra em Estados, governos e instituições sociais; iii) a articulação entre natureza e cultura é comparável à relação entre *physis* e *nomos*, um assunto enraizado nos debates modernos de filosofia política - no entanto, na abordagem nietzschiana, *nomos* se revela como um “desenrolar” da própria *physis*.

A distinção entre essas duas noções (*physis* e *nomos*) precisa ser compreendida como uma oportunidade metodológica de análise, ou seja, a distinção não acontece para ser fixada e resolvida em posições opostas, e sim para problematizar o conhecimento dualista por oposição⁴. Em *A disputa de Homero*, Nietzsche pensa a relação entre *physis* e *nomos* a partir de uma delimitação da natureza (*physis*) como disputa (ágon), questiona a natureza da disputa modelada no interior de um Estado ou de uma cultura, além de analisar como o Estado e a cultura orientados pela disputa produzem exemplos de “criatividade individual” (gênio).

A noção de natureza nos escritos políticos do jovem Nietzsche

No primeiro parágrafo de *A disputa de Homero*, Nietzsche afirma que “o ser humano, em suas mais elevadas e nobres capacidades, é totalmente natureza, carregando consigo seu inquietante duplo caráter” (CP, *A disputa de Homero*, p. 65). O inquietante duplo caráter da natureza⁵ é, ao mesmo tempo, secreto (misterioso) e desvelado (pode ser visto) (HADOT, 2004). Se a tradição política ocidental sugere que o conceito de humanidade está fundamentado na separação do ser humano da natureza, para Nietzsche, essa separação não existe. As características naturais e aquilo que chamamos de “humanidade” se desenvolveram juntas, sem distinção. Nesse sentido, os projetos sociais humanos, as convenções e as normas,

³ A partir desse ponto, utilizo o conceito de disputa (*Wettkampf*) em analogia ao conceito grego *ágon*.

⁴ A respeito dessa temática, gostaria de sugerir: CAVALCANTI, Ana Hartmann. “Arte da experimentação: política, cultura e natureza no primeiro Nietzsche”. In: *Trans/Form/Ação*, 30(2), São Paulo, 2007, p. 115-133, e DELBÓ, Adriana. “Estado e promoção da cultura no jovem Nietzsche”. In: *Cadernos Nietzsche* 23, 2007, p. 27-57.

⁵ Conforme a tradução de Pedro Sússekind dos *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, publicado pela editora 7 Letras em 2007. Nessa tradução, a sentença: “*Der Mensch, in seinen höchsten und edelsten Kräften, ist ganz Natur und trägt ihren unheimlichen Doppelcharakter an sich*” foi traduzida como: “O ser humano, em suas mais elevadas e nobres capacidades, é totalmente natureza, carregando consigo seu inquietante duplo caráter”.

as criações artísticas, não são imposições da natureza ou controles da “verdadeira natureza”. Segundo a afirmação de Nietzsche, essas instituições representam aspectos da “natureza mesma”, de onde “pode brotar toda humanidade, em ímpetos, feitos e obras” (CP, A disputa de Homero, p. 65). Nietzsche não apresenta uma resposta específica para o significado de “inquietante” (*unheimlich*), mas podemos nos aproximar da interpretação desse conceito a partir de sua relação principal, a saber, o jogo entre o oculto e o desvelado. Assim, um dos aspectos do duplo caráter da natureza é a incorporação dos melhores aspectos da humanidade em seus projetos sociais e políticos; o outro aspecto da natureza que se manifesta no comportamento humano é compreendido não apenas como terrível e destruidor, mas como não-humano. Por qual motivo esses últimos aspectos são compreendidos por Nietzsche como terríficos, aterrorizantes, em relação ao outro aspecto de nossa natureza? (WILSON, 2005, p. 177-180).

No segundo parágrafo, Nietzsche apresenta cinco exemplos da cultura grega, para percebermos que “os gregos, os homens mais humanos dos tempos antigos, possuem em si um traço de crueldade, de vontade destrutiva, ao modo do tigre” (CP, A disputa de Homero, p.65-66). Primeiro exemplo: Alexandre Magno perfura os pés do defensor de Gaza, Batis, amarra seu corpo vivo em um carro e manda arrastá-lo diante dos soldados (semelhante a Aquiles maltratando o corpo de Heitor durante a noite na *Ilíada*); segundo exemplo: analisando a obra de Tucídides, cita a Revolução Corcirana durante a Guerra do Peloponeso, na qual ocorreu a “dilaceração mútua, sanguinária e insaciável, por parte de duas facções gregas” (CP, A disputa de Homero, p.66); terceiro exemplo: a partir da vitória de uma cidade grega sobre a outra, toda a população masculina da cidade vencida é executada e as mulheres e as crianças são vendidas como escravas. Na concessão desse direito, Nietzsche entende que os gregos sentiam “uma grave necessidade de deixar escoar todo o seu ódio” (CP, A disputa de Homero, p.66); quarto exemplo: Nietzsche questiona os motivos pelos quais os escultores gregos tinham a necessidade de “moldar sempre e de novo guerra e lutas” (CP, A disputa de Homero, p.66) nas quais as representações sempre continham “corpos distendidos, cujas expressões tensionam-se pelo ódio ou pela arrogância do triunfo, feridos se curvam, moribundos expirando” (CP, A disputa de Homero, p.66); quinto exemplo: citando novamente a *Ilíada* de Homero, Nietzsche se interroga a respeito dos motivos pelos quais “o mundo grego se regozizava com as cenas de guerra” (CP, A disputa de Homero, p.66). Nos exemplos escolhidos por Nietzsche, a relação entre fatos históricos, direitos e criações artísticas parece exaltar a interligação entre algum aspecto da natureza e a cultura. O traço

comum entre os exemplos é a manifestação da violência. Nesse sentido, percebemos que o objetivo do pensamento do jovem Nietzsche é repensar tanto a existência como os modos de existência dos gregos, em todos os seus aspectos. Para atingir suas intenções, ele precisa rever a experiência existencial grega, ressaltando, entre outras coisas, os aspectos terríveis do comportamento grego. Para Nietzsche, a civilidade, a política e a cultura grega – e a simplicidade artística dos gregos antigos – estavam fundamentadas na experiência do horror e na violência da *existência*⁶. A cultura e as artes gregas apenas *parecem* fundadas na beleza e na serenojovialidade, no entanto, estão relacionadas com uma verdade: “Os gregos eram superficiais – por profundidade” (GC, Prefácio, 4). Essa “terrível verdade” foi ocultada por necessidade durante o auge da criatividade cultural dos gregos. Se arte e natureza estão unidas, é por esse motivo que o escultor grego representa guerras e batalhas incessantemente. Nietzsche afirma que a atividade artística dos gregos não é apenas uma atividade estética, mas uma manifestação de como os gregos compreendiam a natureza humana. A arte grega representava a natureza como um conflito⁷ destrutivo e violento canalizado em um interesse criativo. A natureza é inquietante porque existe um aspecto terrível de nossa existência que deveria permanecer oculto, velado. Nesse sentido, a experiência estética dos gregos representou a principal estratégia para a ocultação do elemento violento da existência humana; uma estratégia própria da natureza que se transfigura naquilo que permitiu as principais conquistas nômicas. A sabedoria trágica dos gregos permitiu o reconhecimento do lado destrutivo da natureza, da mesma forma como percebeu a falta de sentido da existência para oportunizar a superação do pessimismo: a existência recebe um véu estético (ALLISON, 2001).

Nos parágrafos seguintes de *A disputa de Homero*, Nietzsche apresenta exemplos do “inquietante duplo caráter da natureza” (CP, *A disputa de Homero*, p.67), o qual se revela na dimensão terrífica e na dimensão nobre da natureza humana, relacionando esse duplo caráter aos conceitos de apolíneo e dionisíaco desenvolvidos principalmente em *O nascimento da tragédia*. Nessa obra, afirma que os atos de reconciliação entre Apolo e Dioniso não significam o fim da disputa entre eles, ou seja, a disputa é permanente. Essa disputa não é essencialmente negativa, da mesma forma como não é fundada na oposição plena; reconciliações periódicas são possíveis. O apolíneo e o dionisíaco estão em uma constante

⁶ Essas teses de Nietzsche se distanciam sobremaneira da visão neoclássica de Winckelmann, a principal interpretação aceita no pensamento acadêmico filológico na Basileia. Esse é um dos motivos pelos quais *O nascimento da tragédia* foi criticado e desconsiderado. Acerca desse argumento, sugiro: KARASEK, Felipe Szyzka. *Uma filosofia da dor: a sabedoria trágica no jovem Nietzsche*. Porto Alegre: Bestiário, 2013.

⁷ A partir desse ponto, utilizo o termo *conflito* em relação ao significado do termo grego *pólemos*.

tensão, e não são *radicalmente* oposições. A cultura (apolíneo) é a realização dos fins da própria natureza (dionisíaco), por esse motivo, está conectada ao duplo caráter da natureza: o

assustador e a ferocidade animal da natureza da Esfinge, que se estende na glorificação da vida cultural artisticamente livre, como um belo manto sobre o corpo de uma virgem. A formação, que constitui a principal e verdadeira necessidade da arte, repousa sobre um fundamento assustador (CP, O Estado grego, p.42-43).

A própria natureza produz a cultura e os velamentos artísticos com o objetivo de superar a si mesma. Os gregos, por possuírem o impulso à superação do lado destruidor da existência, formaram o Estado. “A monstruosa inevitabilidade do Estado, sem o qual a natureza não conseguiria se redimir da sociedade, no brilho e no espelho do gênio, exprime-se quando vemos como os que foram submetidos pouco se preocupam com a origem assustadora do Estado” (CP, O Estado grego, p.47). O *nomos*, representado pela cultura, regramentos sociais, direito, Estado, não significa apenas uma oposição ou separação da natureza, impedimentos para as disposições naturais; segundo Nietzsche, são meios que a natureza cria para atingir a sua própria realização (BM 188). O conceito de Estado, organizado na cultura grega, significa um entendimento de que a cultura não pode ser completamente separada da natureza. Na cultura grega, o véu apolíneo enraizado na natureza dionisíaca criou a base para o surgimento de uma individualidade criativa, a qual teve sua decadência com a proposta socrática de que a natureza é um todo racional (racionalizável). No entanto, o argumento nietzschiano nessa fase defende que a natureza não é um todo cognoscível e racional (CP, A disputa de Homero, p. 67-69). A cultura trágica está amparada na consciência do caráter limitado de suas instituições, padrões e normas. Esse entendimento da cultura como um véu apolíneo colocado sobre uma natureza dionisíaca é percebido por Nietzsche na análise das obras de Homero e Hesíodo. A obra de Hesíodo, principalmente a *Teogonia*, remeteria ao mundo dionisíaco pré-homérico, enquanto que na obra de Homero estaria a cobertura apolínea para a existência. Para agir nesse mundo, é necessária a compreensão dos limites do conhecimento: a natureza é terrífica, mas não podemos viver sem esse conhecimento; esse *conhecimento* é o limite.

Do primeiro ao quarto parágrafo de *A disputa de Homero*, Nietzsche apresentou as teses principais desse prefácio: i) o inquietante duplo caráter da natureza; ii) o aspecto terrífico da natureza e o aspecto capaz de velar o horror; iii) a sabedoria trágica como entendimento da experiência grega de natureza; iv) a natureza como conflito primordial e as formas pelas quais esse conflito canaliza a si mesmo em instituições sociais orientadas pela disputa com limitações. No quinto parágrafo, Nietzsche aborda a forma apolínea que a

natureza adota como a produção de uma forma positiva de disputa (*ágon*). Conforme a perspectiva nietzschiana, a relação entre os dois tipos de combate, a disputa (*ágon*) e o conflito (*pólemos*), pode ser percebida no início da obra de Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*:

Não há origem única de Lutas, mas sobre a terra
 Duas são! Uma louvaria que a compreendesse,
 Condenável a outra é; em ânimo diferem ambas.
 Pois uma é guerra má e o combate amplia,
 Funesta! Nenhum mortal a preza, mas por necessidade,
 Pelos desígnios dos imortais, honram a grave Luta.
 A outra nasceu primeiro da Noite Tenebrosa
 E a pôs o Cronida altirregente no éter,
 Nas raízes da terra e para os homens ela é a melhor (HESÍODO, 1996, p. 23).

Quando o combate assume um caráter positivo (*ágon*), as formas sociais e a cultura são julgadas pela sua capacidade de apoiar o desenvolvimento em direção ao objetivo da natureza: o surgimento de indivíduos criativos que participem da comunidade a partir do entendimento da sabedoria trágica e dos limites do conhecimento. As formas culturais e sociais devem promover a transformação do impulso à violência natural para a disputa positiva. Nesse sentido, Nietzsche apresenta outro exemplo para demonstrar a sua tese sobre os gregos, quando afirma “há sobre a Terra duas Eris”. Esse é um dos mais notáveis pensamentos helênicos, digno de ser gravado no portal de entrada da ética helênica, assim como aquilo que vem em seguida. ‘Uma Eris deve ser tão louvada, quanto a outra deve ser censurada, pois diferem totalmente no ânimo essas duas deusas’” (CP, A disputa de Homero, p. 68-69)⁸.

Nietzsche percebe em Hesíodo uma perspectiva política que compreende as comunidades e as instituições sociais como as melhores conquistas da humanidade, entendidas como criações de indivíduos capazes de conceber essas organizações; esses indivíduos são resultados da Eris boa (*ágon*, disputa), a qual estimula a humanidade às suas principais realizações, conduzindo “até mesmo o homem sem capacidades para o trabalho; e um que carece de posses observa o outro, que é rico, e então se apressa a semear e plantar do mesmo modo que este, e a ordenar bem a casa; o vizinho rivaliza com o vizinho que se esforça para seu bem-estar. Boa é essa Eris para os homens” (CP, A disputa de Homero, p. 69). O rancor, a inveja e o ódio estão relacionados com a Eris má, e ajuda na compreensão do início do prefácio, quando Nietzsche citou a cultura grega em oposição à cultura moderna. Na

⁸ Além disso, em A filosofia na era trágica dos gregos, nos parágrafos 5 e 7, Nietzsche apresenta uma conexão das noções de Eris com os fragmentos de Heráclito. A esse respeito, ver: Heráclito, fragmentos 50, 51, 53, 57, 80; em Martin Heidegger, sugiro: O que é a metafísica, parágrafos 62 e 131, e Parmênides, parágrafos 17 e 18 (WILSON, 2005).

visão nietzschiana, a cultura dos modernos está baseada na concorrência comercial a partir da qual a medida de realização social é o máximo acúmulo de bens⁹. A cultura grega estaria em oposição à cultura dos modernos pelo entendimento a respeito da própria natureza. A natureza humana é fundada no autointeresse, ela se manifesta em uma disputa com limitações, assim, a humanidade realiza adequações para o convívio por certas normas, e a própria disputa cria essas normas e limites. Essa autoemergência de limites e de ordem está orientada pela Eris boa, já que o objetivo não é o maior acúmulo possível de bens, mas o estímulo para a realização humana. “O grego é invejoso e percebe essa qualidade, não como uma falha, mas como a atuação de uma divindade benéfica: - que abismo existente entre esse julgamento ético e o nosso!” (CP, A disputa de Homero, p. 70). Nessa disputa (*Wettkampf, ágon*), os concorrentes devem ter um estatuto comparável. A partir dessa noção de disputa, na relação de uma Eris boa com uma Eris má, surge uma noção de justiça e de injustiça. A educação para a disputa através da Eris boa, a partir do impulso agonístico, também é utilizado por Nietzsche para criticar a cultura educacional da modernidade. Enquanto que a educação grega pela disputa visa ao bem do Estado porque estimula a superação do egoísmo, no Estado Liberal Moderno os meios (educação e dinheiro) se direcionam à satisfação dos fins privados enquanto a única virtude ou objetivo comum, ou seja, as medidas e normas não são limitadas por uma concepção comum. No contexto cultural grego, quando um indivíduo ultrapassa os limites da organização da disputa em um contexto particular da cidade-Estado, esse indivíduo pode procurar ou formar outro nível de disputa. Nietzsche cita o exemplo de Platão: a partir do momento em que ele superou os limites da disputa no contexto da comunidade, encontrou na disputa com Homero (uma disputa com a tradição) o nível de disputa desejado. Para Nietzsche, tanto Platão quanto os poetas e filósofos trágicos estavam habilitados para transcender esses limites sem destruir os limites da própria humanidade, a qual tanto se esforçou para esconder sua natureza invejosa e destrutiva. Na visão nietzschiana, esse argumento é importante para ressaltar a forma a partir da qual os filósofos e artistas trágicos superaram os perigos da arrogância e da desmedida, “sem cair nos infortúnios de Miltíades, o qual tem somente os deuses ao seu lado, por isso os tem contra si; os deuses que nascem da noite negra” (WILSON, 2005, p.215), já que pela própria disputa ocorre a interação entre a comunidade e aqueles que se destacam pela disputa.

O declínio das cidades-Estado ocorre pelo crescimento da *hybris*, do desejo de vingança enquanto justiça, punições, da mesma forma como Miltíades sucumbiu

⁹ Schopenhauer como educador (parágrafo 6); *O Estado Grego* (CP, O Estado Grego, p. 49-52).

(HERÓDOTO, 1985). As cidades-Estado eram organizadas a partir da disputa com limites determinados. Essas misteriosas conexões entre o Estado e a arte, a ganância política e a criação artística, os campos de batalha e as obras de arte oportunizaram o distanciamento de um estado de natureza direcionado pela violência destrutiva. O Estado grego entra em decadência pelo fim da disputa¹⁰. Analisando Esparta e Atenas, Nietzsche afirma que “as duas cidades também seguiram o exemplo de Miltíades acarretando seu declínio por um ato de *hybris*, para provar que, sem inveja, ciúme e ambição da disputa, tanto a cidade grega quanto o homem grego degeneram. Ele se torna cruel, vingativo e sacrílego, resumindo, torna-se ‘pré-homérico’ – e então precisa apenas de um grande pânico para levá-lo à queda e ser esmagado” (CP, A disputa de Homero, p. 76). A continuidade do Estado está na capacidade de se colocar entre a impossibilidade do político (dionisíaco) e o hiperpolítico (apolíneo). O desenvolvimento do Estado não significa a própria segurança e crescimento, e sim perceber que a manutenção prolongada da ausência de guerra representa um dos aspectos mais interessantes oportunizados pelo *ágon*. O pensamento político do jovem Nietzsche reflete interpretações dos elementos sociais comunitários e dos elementos sociais individuais distantes do pensamento político moderno. Nietzsche enfatiza que o elemento político da disputa (i) oculta e impossibilita que a unidade ou identidade de uma comunidade em particular se sobreponha às demais, e (ii) carrega um elemento transpolítico, ligado à pretensão de formação de uma sociedade capaz de apreender o elemento trágico em sua tradição (WILSON, 2005, p. 221).

Assim como no texto *A disputa de Homero*, a partir da análise do texto intitulado *O Estado Grego* é possível apreender as características fundamentais do pensamento político do jovem Nietzsche e a articulação da política com a noção de natureza. Em *A disputa de Homero*, o filósofo afirma que a natureza da existência é a disputa (*ágon*)¹¹. Em *O Estado Grego*, investiga como a disputa natural (agonística) *se desenrola ela mesma* em instituições sociais e regimes políticos (*nomos*). Os dois prefácios apresentam perspectivas políticas relacionadas com a noção de natureza, bem como uma genealogia da normatividade das convenções sociais, resultantes da relação *entre* natureza e cultura. Na perspectiva da filosofia moderna, o Estado surge na distinção entre natureza e cultura. No entanto, na perspectiva nietzschiana, o surgimento do Estado ocorre a partir da transfiguração da natureza *em* cultura,

¹⁰ WILSON, Timothy. “Nietzsche’s early political thinking: ‘Homer on competition’”. In: *Minerva: an internet journal of philosophy* 9 (2005): 177-235, p. 219.

¹¹ A respeito dessa temática, indico: CHAVES, Ernani. “Cultura e Política: o jovem Nietzsche e Jakob Burckhardt”. In: *Cadernos Nietzsche*, 9, 2000, p. 41-66. Da mesma forma, indico: BURCKHARDT, Jakob. “The agonal age”. In: *The greeks and greek civilization*. New York: St. Martin’s Griffin, 1998.

ou seja, a possibilidade de surgimento das convenções sociais é uma realização da própria natureza *transfigurada* em cultura, sem ocorrer uma separação fundamental. Para Nietzsche, as instituições sociais e políticas representam o domínio do *nomos*, mas também estão conectadas essencialmente com uma intencionalidade do desenvolvimento da própria *physis*. O objetivo dessa intencionalidade da natureza que “se desenrola” é a produção da criatividade individual erigida na figura do gênio¹². Isso significa compreender a política no jovem Nietzsche a partir de duas possibilidades interpretativas principais: i) a relação entre natureza e Estado, e ii) a relação entre Estado e indivíduo. No prefácio *A disputa de Homero*, Nietzsche analisa a “natureza como disputa”, contrapondo as formas de entendimento dessa noção no Estado grego e na modernidade. No prefácio *O Estado Grego*, Nietzsche analisa como o Estado, enraizado na natureza, pode ser desenvolvido para possibilitar a criação do gênio. O Estado moderno é contraposto ao Estado grego, com ênfase nas estruturas que impedem o surgimento da criatividade individual (gênio) no Estado moderno. Nietzsche apresenta uma dimensão política vinculada ao Estado grego na qual estão contidas as fontes e os benefícios da disputa (apresentadas em *A disputa de Homero*), as quais produzem a coesão do grupo, e, ainda, uma dimensão transpolítica na qual as fontes e benefícios da disputa são identificados através dos tempos no interior de uma “república de gênios” que “chamam uns aos outros” (WILSON, 2013, p.173).

Considerações finais

Encontramos nos prefácios estudados intuições que serão desenvolvidas na fase tardia da obra nietzschiana – algumas já serão abordadas como temática principal nas considerações extemporâneas, por exemplo, a respeito do futuro das instituições de ensino alemãs. Na fase tardia, Nietzsche muda a sua forma de escrita e reconsidera algumas de suas posições intelectuais, mas mantém uma continuidade fundamental no seu pensamento: a tentativa de desvendar as influências que a natureza (*physis*) tem em fenômenos como a sociedade, a cultura e a política. Na interpretação nietzschiana, o Estado grego se originou de um entendimento acerca da natureza a partir da forma como integrou a violência, a qual “dá o primeiro direito, e não há nenhum direito que não seja em seu fundamento arrogância, usurpação, ato de violência” (CP, O Estado grego, p. 46). Nesse aspecto, Nietzsche parece

¹² Acerca da questão do gênio em Nietzsche, sugiro: ARALDI, Clademir. “O gênio romântico no pensamento de Nietzsche”. In: *Artefilosofia*, Ouro Preto, 6, p. 183-193, abr. 2009.

expressar a concordância com o estado de natureza hobbesiano, no entanto, se diferencia da proposta de Hobbes sobre a formação do Estado, o qual teria sua origem em um pacto social que objetiva garantir e preservar a existência individual. Em *O Estado Grego*, o Estado surge a partir de atitudes de dominação, nas quais “o vencido pertence ao vencedor, com mulher e filho, com bens e sangue” (CP, *O Estado grego*, p. 46). Assim, é possível perceber “a rigidez sem compaixão com que a natureza, para chegar à sociedade, forjou a ferramenta cruel do Estado – aquele conquistador com mão de ferro, que nada mais é do que a objetivação do instinto mencionado” (CP, *O Estado grego*, p. 46). Nesse sentido, o Estado grego é uma demonstração de como os gregos compreenderam a “natureza na natureza humana” e a transfiguraram em uma organização política. Para Nietzsche, não havia na organização política grega as noções modernas de “dignidade do trabalho” e “dignidade humana”, algo que ficava evidente pela colocação da escravidão como força motriz do Estado. A legitimação do trabalho escravo no Estado grego demonstraria as seguintes “verdades” acerca da sociedade grega: i) o trabalho é entendido como um ultraje; ii) o trabalho é ultrajante porque a existência humana não possui nenhum valor em si¹³. Se essas considerações legitimaram a existência da escravidão na Grécia, em que momento o não escravo se renderia ao trabalho? Para Nietzsche, somente quando a “força urgente do impulso artístico faz efeito”, o grego “precisa criar e sujeitar-se àquele esforço inevitável do trabalho” (CP, *O Estado grego*, p.42). A glorificação da vida cultural artisticamente livre esconde um fundamento assustador: a vergonha acerca do trabalho e a revelação que a “imensa maioria tem que se submeter como escrava ao serviço de uma minoria, ultrapassando a medida de necessidades individuais e de esforços inevitáveis pela vida para que a arte se desenvolva” (CP, *O Estado grego*, p. 43). Contrariando a visão moderna que afirmava a serenojoialidade otimista como interpretação da cultura grega, para Nietzsche a escravidão pertencia à essência da cultura grega “para possibilitar, a um número limitado de homens olímpicos, a produção de um mundo artístico” (CP, *O Estado grego*, p.43). Nietzsche percebeu nos gregos trágicos um dos exemplos mais evidentes de uma cultura fundada artisticamente. No entanto, o apaziguamento do impulso primordial dionisíaco pelo impulso apolíneo da aparência não se fez apenas pelo velamento nômico dos mitos e da tragédia. Essa transfiguração artística só se tornou possível porque uma maioria de escravos sustentou a minoria artística que efetivou essa transfiguração. O surgimento da cultura grega - com suas criações artísticas que denotam um mundo de

¹³ A respeito da questão do “trabalho” em Nietzsche, indico: CHAVES, Ernani. “Estética, Ética e Política: em torno da questão do trabalho no segundo Nietzsche”. In: *Dissertatio*, UFPel [33], 2011, p. 173-187.

aparências - resulta da transfiguração de si da natureza em convenções sociais como um de seus próprios objetivos, como uma de suas individualizações, no entanto, a partir das condições necessárias obtidas por causa de uma maioria de *trabalhadores*;

O Estado, de nascimento infame, é uma fonte contínua e fluida de fadiga para a maioria dos homens, em períodos que retornam constantemente, o archote devorador da espécie humana – e, no entanto, um som nos faz esquecer de nós mesmos, um grito de guerra que entusiasmou incontáveis feitos heróicos verdadeiros, talvez o objeto mais elevado e digno para a massa cega e egoísta, que só nos momentos mais monstruosos da vida do Estado tem a estranha expressão da grandeza em sua face! (CP, O Estado grego, p. 47-48).

Ao final do prefácio, Nietzsche afirma que reconhece

no conjunto da concepção do Estado platônico, o hieróglifo imenso de um ensinamento secreto da conexão entre Estado e gênio, que permanecerá sendo eternamente o que se deve interpretar em sua profundidade: o que pretendemos ter adivinhado de tal escrito secreto ficou dito nesse prefácio. – (CP, O Estado grego, p.54).

Nietzsche afirma que no texto *O Estado Grego* procurou apresentar o que entende como a *essência* da política grega, a qual pode ser conhecida na interpretação do escrito de Platão intitulado *A República*. Na perspectiva nietzschiana: a hierarquia social proposta por Platão é resultante do entendimento *grego* a respeito da constituição do Estado; o filósofo como guia político da *República* ocupa o lugar e a função de um *sacerdote*, o qual professa a sabedoria retórica ensinada por Sócrates; o Rei-filósofo não possui as virtudes poéticas, por esse motivo (i) transforma a arte da poesia em discursos que visam o convencimento e (ii) transforma a música em marchas militares, modelando os artistas e as manifestações artísticas para *criarem* em prol da República, sob ameaça de expulsão do Estado. Para Nietzsche, *A República* de Platão revela a natureza da política grega, mas com os valores nômicos já transformados por Sócrates – os mesmos valores que levaram a idade trágica à decadência e inauguraram o jogo sedutor da dialética que motivou as mudanças que culminaram na modernidade.

Referências

ALLISON, David B. (org.). **The New Nietzsche**. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 1999.

ALLISON, David B. **Reading The New Nietzsche: The birth of tragedy, The gay science, Thus spoke Zarathustra, On the genealogy of morals**. Boston: Rowman & Littlefield Publishers, INC., 2001.

- ARALDI, Clademir. O gênio romântico no pensamento de Nietzsche. In: **Artefilosofia**, Ouro Preto, 6 (abr.), p. 183-193, 2009.
- BURCKHARDT, Jakob. The agonal age. In: **The greeks and greek civilization**. New York: St. Martin's Griffin, 1998.
- CAVALCANTI, Ana Hartmann. Arte da experimentação: política, cultura e natureza no primeiro Nietzsche. In: **Trans/Form/Ação**, 30(2), São Paulo, p. 115-133, 2007.
- CHAVES, Ernani. Cultura e Política: o jovem Nietzsche e Jakob Burckhardt. In: **Cadernos Nietzsche**, n.9, 2000, p. 41-66.
- CHAVES, Ernani. Estética, Ética e Política: em torno da questão do trabalho no segundo Nietzsche. In: **Dissertatio**, n.33, p. 173-187, 2011.
- DELBÓ, Adriana. Estado e promoção da cultura no jovem Nietzsche. In: **Cadernos Nietzsche**, n.23, p. 27-57, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Porto: Rés, 2001.
- FREUD, Sigmund. O estranho. In: **Obras completas**, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1919/1996.
- HADOT, Pierre. **O véu de Ísis: ensaio sobre a história da ideia de natureza**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche**. Vol. I e II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. Que é Metafísica? In: **Conferências e escritos filosóficos**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- HEIDEGGER, Martin. **Parmênides**. Petrópolis: Vozes: 2008.
- HEIDEGGER, Martin. On the Essence and Concept of physis in Aristotle's Physics B, I. In: **Pathmarks**. Cambridge: Cambridge University Press: 1998.
- HERÁCLITO DE ÉFESO. **Os Pré-Socráticos**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- HERÓDOTO. **História**. Brasília: UnB, 1985.
- HESÍODO. **Teogonia, a origem dos deuses**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. São Paulo: Iluminuras, 1996.
- HOMERO. **Odisséia**. São Paulo: Abril, 1978.
- HOMERO. **Ilíada**. São Paulo: Abril, 2009.
- KARASEK, Felipe Szyszka. **Uma filosofia da dor**. Porto Alegre: Bestiário, 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A filosofia na era trágica dos gregos**. São Paulo: Hedra, 2008.

- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Tradução e prefácio: Pedro Süssekind. 4^o edição. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe**. Colli e Montinari. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1967-75. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/>.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre Educação**. São Paulo: Loyola, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia: ou Helenismo e Pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Brasília: UNB, 2001.
- WILSON, Timothy H. Nietzsche's early political thinking II: "The Greek State". In: **Minerva: an internet journal of philosophy**, n.17, p.171-216, 2013.
- WILSON, Timothy H. Nietzsche's early political thinking: 'Homer on competition'. In: **Minerva: an internet journal of philosophy**, n.9, 177-235, 2005.
- WINCKELMANN, Johann Joachim. **Reflexões sobre a arte antiga**. Trad. Herbert Caro. Porto Alegre: Movimento, 1975.